

VIDAS EM HOME OFFICE: O TRABALHO DE PROFESSORES SOB FOGO CRUZADO EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO

LIVES AT HOME OFFICE: THE WORK OF TEACHERS UNDER CROSS FIRE IN REMOTE TEACHING TIMES

Maria Isabel Silva Bezerra Linhares **1**
Heldo da Silva Mendonça **2**

Resumo: O estudo deste artigo, buscou compreender o atual fenômeno do trabalho de professores na modalidade home office, de modo a apreender seus significados, analisar os comportamentos dele decorrentes e os sentimentos a estes atribuídos. Ao conhecer a labuta de professores(as), que realizam suas atividades docentes na modalidade home office, buscou-se compreender como estes(as) vêm fazendo esse enfrentamento no novo modo de ser e fazer a docência e sob quais condições se encontram. Num contexto de educação remota, de crescente complexidade técnico-laboral, como professores reinventam modos de ser e viver a docência? Neste contexto, se coloca a questão de onde e como pesquisar esses fluxos de relações que os professores estabelecem entre si, a escola e os alunos com suas famílias, através das redes sociais, estabelecendo formas de mapear a teia de relações que se criam e recriam no movimento de informações e nas interações que impulsionam as relações dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Professores. Ensino Remoto. Home Office.

Abstract: This article sought to understand the current phenomenon of teachers' work in the home office mode, in order to apprehend its meanings, analyze the resulting behaviors and the feelings attributed to them. By knowing the work of teachers, who carry out their teaching activities in the home office modality, we sought to understand how they have been doing this confrontation in the new way of being and doing teaching and under what conditions they are. In a context of remote education, of increasing technical-labor complexity, how do teachers reinvent ways of being and living teaching? In this context, the question arises of where and how to research these flows of relationships that teachers establish between themselves, the school and students with their families, through social networks, establishing ways to map the web of relationships that are created and recreated. in the movement of information and in the interactions that drive the relationships of the subjects involved.

Keywords: Teachers. Remote Teaching. Home Office.

-
- 1** Graduação em Serviço Social (Universidade Estadual do Ceará – UECE) e Formação Especial Pedagógica (Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA). Mestrado em Gestão Pública (UVA) e Doutorado em Sociologia, pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Estágio Pós-doutoral em Estudos Culturais do Programa Avançado em Cultura Contemporânea (PACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6265061354535041>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2337-9810>. E-mail: isabelblinhares@yahoo.com.br
 - 2** Mestre em Sociologia pelo Mestrado Profissional em Rede Nacional (PROFSOCIO) sob a coordenação da Universidade Federal do Ceará (UFC) na associada Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), especialista em Docência Superior pela Universidade Gama Filho (UGF) e Ciência Política pela Faculdade Focus. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Exerce o cargo de Coordenador Escolar na EEM Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira (CREDE 15-SEDUC/CE). Professor efetivo de sociologia da rede estadual de ensino cearense. Link de acesso ao lattes: <http://lattes.cnpq.br/3392217026966190>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9782-2421>. E-mail: heldo.mendonca@prof.ce.gov.br

Introdução

Lançar um olhar sobre o cenário educacional em tempos de pandemia em virtude do coronavírus (COVID-19) foi um grande desafio para nós educadores e pesquisadores. Estamos sendo desafiados pelas inúmeras demandas que emergem nos “novos modos de ser/viver” no mundo a partir de comportamentos gerados pelo isolamento social.

Dentre esses modos de viver e estar no mundo podemos destacar o uso das tecnologias digitais para contornar as cenas cotidianas de professores(as), pois mesmo fazendo parte da rotina dos sujeitos que se sentiam adeptos e/ou tinham a possibilidade desse acesso, com a chegada de um vírus que exigia a troca dos espaços de sociabilidade das salas de aula, dos pátios, dos corredores, das praças por salas virtuais e atuação nas redes sociais como instagram, Facebook e outras, aqueles passaram a se conectar e construir suas linhas territoriais para romperem com um isolamento que todos precisariam experienciar para se manterem presentes na ausência espacial.

Para Antunes (2020), não faltam evidências sobre a direção que o capital e seus gestores vêm indicando, inclusive nos setores em que o trabalho digital, on-line, se desenvolve. Conforme o autor, algumas práticas se converteram em verdadeiros laboratórios de experimentação, de que são exemplo o home office, o teletrabalho e, no universo educacional, o Ensino à Distância (EAD). Neste sentido ressalta que tanto o teletrabalho como o home office mostram-se como modalidades que terão significativo crescimento na fase pós-pandemia.

Nessa perspectiva, um considerável número de professoras e professores principalmente da educação básica, foi orientado pelas instituições de ensino a ressignificar sua atuação em sala de aula passando a reconhecer e a implantar em seu cotidiano docente as “aulas remotas”, que significou desenvolver um trabalho em um ambiente bem diferente do que estava habituado a ministrar suas aulas. Desde então professores e alunos tiveram que buscar estratégias para ocupar seus lugares nos espaços virtuais o que não ocorreu de forma inclusiva para todas e todos motivada pela ausência de acesso à internet e a equipamentos.

Conforme questiona Antunes (2020, p. 14), “[...] Como será possível driblar o trabalho dito flexível, digital, ‘moderno’, que tenderá a se intensificar enormemente se o capital pandêmico continuar a comandar o mundo segundo os seus interesses?”. É nesse sentido que este estudo buscou compreender a atual dinâmica laboral de professoras e professores da educação básica num contexto de ensino remoto e os prováveis impactos na formação docente. Teve-se como principal objetivo compreender o atual fenômeno do trabalho de professores na modalidade home office, de modo a apreender seus significados, analisar os comportamentos dele decorrentes e os sentimentos a estes atribuídos.

Delimitou-se como campo de análise a Escola de Ensino Médio Raimundo Adjacir Cidrão de Oliveira (RACO), a qual está localizada numa comunidade rural denominada de Marrecas no Município de Tauá no Estado do Ceará. A referida instituição foi criada pelo Decreto Estadual nº. 31.908, de 18 de março de 2016, oferece ensino regular pertencendo à rede estadual e funciona sob a jurisdição da décima quinta Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE).

Neste período a escola possui em seu quadro funcional: núcleo gestor formado por quatro (04) membros (diretora, coordenador escolar, secretária escolar e assessor financeiro), oito (08) professores(as) lotados nas disciplinas da base comum e nos projetos da Secretaria Estadual de Educação, que constituem a parte diversificada do currículo.

Através de contatos on-line, via questionário organizado no google forms, e através de encontros organizados pelo google.meet, buscou-se conhecer a labuta dos(as) professores(as), que realizam suas atividades docentes na modalidade home office, na tentativa de compreender como estes(as) vêm fazendo esse enfrentamento desse novo modo de ser e fazer a docência em tempos de ensino remoto e suas condições. Também se realizou um mapeamento de suas atividades nas plataformas digitais, especificamente aquelas organizadas pela CREDE 15, a qual a escola está vinculada.

A partir do (re)conhecimento da dinâmica laboral de professoras e professores, num contexto de educação remota e de crescente complexidade técnico-laboral, questionou-se: como estes profissionais reinventam modos de ser e viver a docência? Neste contexto, coloca-se a questão de onde e como pesquisar esses fluxos de relações que as professoras e professores estabelecem entre

si, a escola e as alunas e alunos com suas famílias, através das redes sociais, estabelecendo formas de mapear a teia de relações que se criam e recriam no fluxo de informações e nas interações que movimentam as relações dos sujeitos envolvidos.

Neste processo, foi importante pensar técnicas, métodos, teorias de aproximação e apropriação deste estudo, para que pudéssemos compreender as contradições que emergiam das experimentações e aprendizados no uso das tecnologias em tempos de ensino remoto, os quais impactam na vida e no trabalho de professores (as).

Daí recorrermos à etnografia virtual ou netnografia, que, segundo Gutierrez (2004), é um processo que se desenvolve a partir da ação do pesquisador, de suas escolhas dentro do contexto pesquisado e, por isso, não tem uma estrutura rígida, pois depende do que vem do campo de pesquisa. Deste modo, parte de uma visão dialética da cultura, na qual esta se movimenta entre as estruturas sociais e as práticas sociais dos sujeitos históricos.

A etnografia, como tipo de pesquisa de abordagem qualitativa, sob a forma de netnografia (Bishop et al., 1995; Kozinets, 1998) ou etnografia virtual (Hine, 2000) tem sido usada para pesquisar redes sociais on-line que interagem em diversos suportes. Seguindo o pensamento de Máximo (2006), a qual analisa as redes de blogs como espaços onde acontece uma apresentação do eu, buscou-se compreender de que forma as professoras e professores manifestaram em seu cotidiano, como organizam sua nova “rotina pedagógica”, quais dificuldades enfrentam, como elaboram as suas narrativas pessoais/laborais e como estas narrativas compõem o contexto que emerge deste processo.

A partir de aplicação de questionário on-line e da constituição de uma rede virtual dialógica, via conferências e encontros on-line, entre outros recursos, os professores manifestam seus fazeres cotidianos, delimitou-se o campo de pesquisa para o estabelecimento do encontro etnográfico, usando o mesmo suporte dos interlocutores da pesquisa. Para Hine (2000) a etnografia virtual pode ser usada para desenvolver a percepção do sentido da tecnologia e dos espaços socioculturais que são por ela estudadas.

Considerando os objetivos acima expostos, organizou-se este artigo em quatro partes: introdução, na qual se apresenta o contexto da pesquisa, além de objetivos e metodologia. Na seção 2, empreende-se uma revisão acerca do ensino remoto e da sua complexidade, ao considerar as dificuldades que professores enfrentam ao lidar com as ferramentas digitais implementadas pelos governos estaduais e municipais, com fins de garantia a continuidade dos estudos, no período de isolamento social. Na terceira seção, apresenta-se a realidade da escola RACO, sob a visão contida no relato de cinco docentes da escola, sendo um coordenador pedagógico, os quais revelam as tramas do cotidiano laboral, as dificuldades encontradas nesse momento e os desafios que vem enfrentando no trabalho on-line. Por fim, algumas considerações não conclusivas.

Ensino remoto e o trabalho de professores (as) na era das ferramentas e plataformas digitais

Nesta seção, empreender-se-á uma revisão acerca do ensino remoto e a complexidade deste, ao considerar as dificuldades que professores enfrentam ao lidar com as ferramentas digitais implementadas pelos governos estaduais e municipais, com fins de garantia da continuidade dos estudos, no período de isolamento social. A discussão gira em torno das pautas formativas a partir do repertório de insumos tecnológicos, ao mesmo modo, que a ausência de equipamentos e condições de acesso dos docentes a internet também comprometem seu trabalho docente.

A educação remota ou on-line é conceituada por Santos (2014, p. 63) como “[...] o conjunto de ações de ensino-aprendizagem, ou atos de currículo, mediados por interfaces digitais, que potencializam práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e em mobilidade”. Esta definição nos apresenta que o modelo de educação durante o período da pandemia oferecido na educação básica não corresponde a educação à distância, pois esta exigiria um planejamento com a utilização de plataformas e conteúdos digitais previamente estabelecidos em cronogramas. Ao analisar a educação on-line, a partir das experiências educativas contemporâneas, Bhargava (2011, p. 4) definiu a curadoria de conteúdos como “[...] o ato de encontrar, agrupar, organizar ou compartilhar

o melhor e mais relevante conteúdo sobre uma questão específica”.

Com a lei 13.9794, que dispõe sobre o isolamento social e a quarentena, professores(as) foram obrigados(as) a migrar para outros espaços, cuja casa passou a ser também a sua sala de aula (ou deveria ser), caso todos tivessem suporte tecnológico para tanto. Passou-se a ter uma espécie de relacionamento mais recorrente com o ambiente virtual. Essa mudança compulsória alterou planos, rotinas e a escola (OLIVEIRA, 2020).

No Ceará, o Conselho Estadual de Educação (CEE) emitiu o parecer nº 205/2020, de 22 de julho de 2020, que orientou a Educação Básica, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e a Educação Superior, que compõem o Sistema de Ensino do Estado do Ceará a darem continuidade às aulas remotas até 31 de dezembro de 2020. O parecer saiu diante de um plano de retomada as atividades presenciais construídas em parceria com diversos setores da sociedade. Por sua vez, o CEE definiu uma comissão para traçar orientações através de diretrizes pedagógicas com estratégias de ensino visando à aprendizagem dos estudantes e assegurando a continuidade dos processos de ensino. Esta retomada foi barrada pela segunda onda da COVID-19.

Educação remota: a formalização de um novo cenário

Dentre as ações do Governo do Estado do Ceará para o enfrentamento à disseminação do novo Coronavírus (COVID-19), foi a suspensão das atividades presenciais na rede pública estadual de ensino, a partir de 18 de março de 2020, por meio dos decretos governamentais Nº 33.510, de 6 de março de 2020, e o nº 33.531, de 30 de março de 2020 e outros que foram sendo emitidos com periodicidade semanal ou quinzenal em acordo com decisões tomadas pelo Comitê Estadual com representações de autoridades sanitárias, prefeitas e prefeitos de todo o estado e demais setores da sociedade cearense.

A partir das inquietações no campo pedagógico que emergiam no chão da escola desafiando gestores, professoras e professores, bem como os técnicos educacionais foram construindo iniciativas que reinventassem o modelo educacional, que até então desenvolvia atividades presenciais, a buscar alternativas para o atendimento pedagógico aos estudantes. Assim, a prática em sala de aula sendo impossível era preciso uma ressignificação de fazeres que tomariam conta do cotidiano dos sujeitos.

Em 16 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE), orienta a reorganização das atividades acadêmicas ou de aprendizagem em face da propagação do COVID-19, retomando ao Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, “Art 2º – Atribuir a esses estudantes, como compensação da ausência às aulas, exercício domiciliares com acompanhamento da escola, sempre que compatíveis com o seu estado de saúde e as possibilidades do estabelecimento”, este dispositivo legal trata de casos de saúde coletiva que impeçam o exercício de atividades presenciais em instituições de ensino.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996, aborda-se possibilidades de complementação da carga horária escolar, prevendo inclusive situações de emergência, no caso específico do ensino médio cita-se, no inciso 11 do Art. 36:

Para efeito de cumprimento das exigências curriculares do ensino médio, os sistemas de ensino poderão reconhecer competências e firmar convênios com instituições de educação a distância com notório reconhecimento, mediante as seguintes formas de comprovação.

VI – cursos realizados por meio de educação a distância ou educação presencial mediada por tecnologias. (Lei nº 13.415, de 2017).

Inicialmente foi e continuou sendo implementado até o segundo semestre de 2021, logo mediante as condições sanitárias aos poucos cada município foi autorizando o retorno às atividades presenciais, reunindo diversas possibilidades pedagógicas para estabelecer rotinas de estudos e de

aprendizagem, utilizando recursos como os livros didáticos e meios tecnológicos, a fim de subsidiar o processo de ensino a distância/domiciliar organizado pelas unidades de ensino. No que se refere ao ensino médio, sinalizava uma possibilidade de transição para o modelo híbrido, que vem sendo estudados pelos técnicos da secretaria, gestores e demais equipes escolares desde agosto de 2020, e com possibilidade de implantação no segundo semestre de 2021, mediante as condições sanitárias de cada município e prévia autorização das famílias sobre o retorno dos filhos e filhas as atividades presenciais.

É interessante ressaltar que as atividades são denominadas de remotas, pois não se configuram como educação à distância, pois não possuem grau de previsibilidade em curto prazo, o que é impossível diante de um caos na saúde coletiva, além das características pedagógicas e de ferramentas como suporte e de tutores com tal formação. Nesta perspectiva, toda reposição da carga horária correspondente aos dias letivos, alvo de suspensão de atividades presenciais, estas passaram a ser domiciliares, utilizando estratégias de ensino e acompanhamento da aprendizagem de forma remota, organizando aulas não presenciais, por meio da orientação das(os) professoras(es) e núcleo gestor.

As atividades escolares, neste sentido, exigiram readequações em suas técnicas e procedimentos, principalmente, num ambiente virtual de alunas e alunos e professoras e professores que utilizaram as tecnologias digitais como forma de interação pedagógica (grupos de *Whatsapp* e, em menor proporção, a ferramenta *google.meet* e *google sala de aula*). Nesse cenário de adaptação ficam evidentes as desigualdades sociais, pois nem todos estudantes têm acesso à internet de banda larga e poucos possuem equipamentos adequados como celulares e computadores. Na mesma direção professoras e professoras apresentam dificuldades no manuseio destes recursos. o que impacta na qualidade do ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem.

Muitos estudantes declararam neste processo não ter acesso à internet por falta de cobertura de rede móvel ou de provedor de internet, outros alegaram que a velocidade é precária e há os que declararam não ter poder aquisitivo para instalação via rádio ou recarga dos celulares. Alguns professores também tiveram que solicitar à escola computadores para realizar seu ofício em casa, mediante termo de responsabilidade com o equipamento. Mesmo nestas condições o livro didático continuou e continua a ser o recurso mais acessível aos estudantes.

(Re) criação de suportes tecnológicos digitais para integração dos estudantes e interação pedagógica com a comunidade escolar

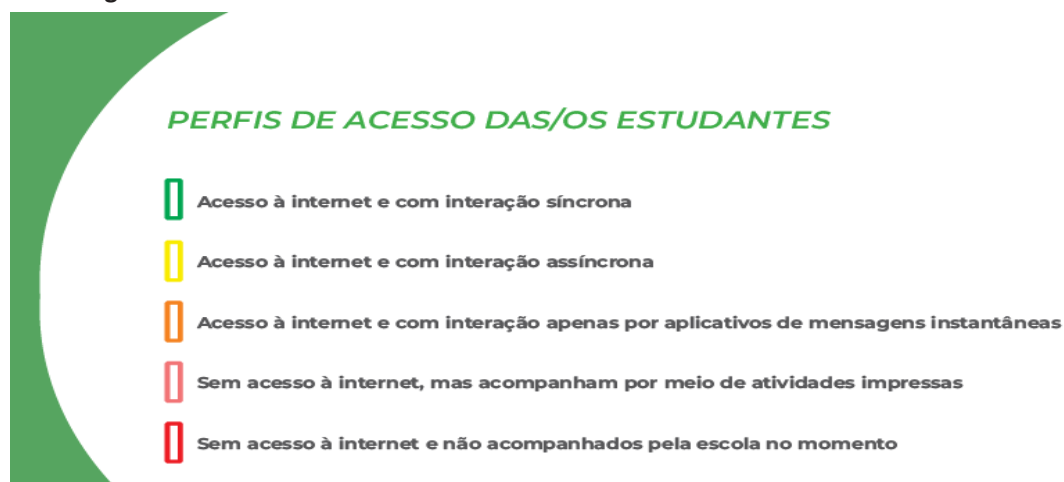
Entre o final de março e início de abril de 2020, a SEDUC lançou o Guia de Apoio aos Estudos Domiciliares que se configurariam como apoio aos estudantes, professoras e professoras para realização dos estudos domiciliares, podendo ser utilizados suportes tecnológicos (ALUNO e PROFESSOR ON LINE, ENEM NA REDE e SISEDU) para interação a interação pedagógica.

Muitas plataformas de instituições parceiras ou disponíveis ao acesso público de conteúdos digitais foram sugeridas como suporte as(aos) professoras(es) na organização das atividades domiciliares, bem como às/aos estudantes. Dentre elas, destaca-se o *google classroom*, que

É um serviço gratuito desenvolvido para escolas que visa simplificar, distribuir e avaliar tarefas virtualmente. Para uso desta ferramenta, a Seduc está firmando parceria com a Google, de modo que serão criadas, automaticamente, contas para professoras/es (nome.sobrenome@prof.ce.gov.br) e alunas/os (nome.sobrenome@aluno.ce.gov.br). Nesta plataforma, serão criadas as turmas virtuais, obedecendo à mesma organização do ensino presencial, em que as/os professoras/es terão acesso para postar e receber atividades, dialogar, atribuir notas e realizar aulas virtuais. As Credes/ Sefor serão orientadas para auxiliar as escolas no uso dessas ferramentas (CEARÁ, 2020)

A Secretaria da Educação, levando em consideração a legislação em vigor, em especial os artigos 23 e 24 da LDB N° 9.394/96 e a Lei N° 14.040/2020, bem como o Parecer CEE N° 0265/2020, as Diretrizes Operacionais para Organização do Trabalho Escolar durante o segundo semestre e das atividades letivas no ano de 2020, as Notas Técnicas complementares ao Plano de Retomada e o trabalho realizado até o momento pelas escolas, em articulação com as CREDES/SEFOR, elaborou o Guia de Possibilidades de Organização Pedagógica no Período Remoto/Híbrido. O material traz a distribuição dos estudantes a partir de perfis levantados pela escola.

Figura 1. Perfis de acesso dos estudantes




Fonte: CEARÁ, SEDUC (2021).

Apesar das inúmeras ferramentas digitais sugeridas no guia da Secretaria Estadual de Educação, é paradoxal a realidade da maioria dos alunos matriculados na rede pública de ensino não apresentando condições de acesso à internet e até mesmo equipamentos com adequada capacidade de uso técnico. Esta não condição atinge professores(as) que se veem sem espaços e recursos tecnológicos de trabalho adequados o que inviabiliza o ato pedagógico e, ao mesmo tempo, impactam na qualidade no processo ensino-aprendizagem. Aos estudantes que se encaixam no perfil sem conectividade são atendidos por material impresso sem qualquer interação em tempo real com o docente para tirar suas dúvidas causando maiores dificuldades nos seus percursos formativos.

Um continuum aprender-fazer: currículo e planejamento em mudanças

Para a organização do trabalho pedagógico dos(as) professores(as) em tempos remotos, a SEDUC elaborou um Plano de Atividades Domiciliares (PAD) para que os estudantes cumprissem a carga horária de atividades escolares em casa. Os(as) professores(as) deveriam semanalmente construir seus planos enviando a coordenação escolar/pedagógica, que faria suas análises em conjunto com técnicos das regionais de educação. As Diretrizes apontavam o livro didático como principal ferramenta para as aulas remotas.

Figura 2. Modelo do PAD


 GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
 Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior

ACOMPANHAMENTO SEMANAL DOS ESTUDOS DOMICILIARES					
DISCIPLINA	CONTEÚDOS	METODOLOGIAS E PROCEDIMENTOS	RECURSOS	PERÍODO DE EXECUÇÃO/CARGA HORÁRIA	HOUVE FEEDBACK DAS TURMAS EM RELAÇÃO AS ATIVIDADES?
					SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()
					SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()
					SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()
					SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()
					SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()
					SIM () NÃO () PARCIALMENTE ()

*ATENÇÃO PARA A COLUNA: PERÍODO DE EXECUÇÃO/ CARGA HORÁRIA. Nela, deverão constar os dias de realização dos estudos bem como a carga horária destinada para a realização das atividades da respectiva disciplina, em atendimento as diretrizes da SEDUC e resolução do conselho estadual.

Fonte: CEARÁ, SEDUC (2020).

Em janeiro de 2021 as escolas recebem como uma das novas orientações ao trabalho pedagógico à mudança do Plano de Atividades Domiciliares (PAD) para o Plano de Execução Curricular (PEC) que passaria a ser de elaboração quinzenal, mensal ou para todo o período letivo ficando a critério das escolas.

Figura 3. Plano de Execução Curricular (PEC)

(Logo da escola/Nome da escola)					
PLANO DE EXECUÇÃO CURRICULAR					
Professoral/or:		Componente/Área:		Série/Ano/Modalidade: 1 anos	
Coordenadora/or Escolar:		2020			
Conteúdo / Atividade	Metodologia Remota	Metodologia Híbrida		Avaliação	Carga horária correspondente
		Remoto	Presencial		

Fonte: CEARÁ, SEDUC (2021).

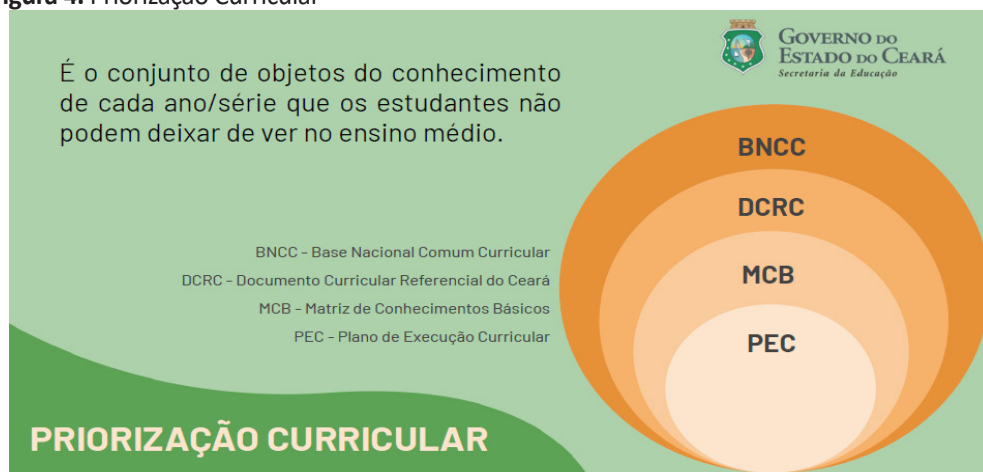
O PEC se torna fruto do processo de priorização curricular, em outras palavras, o que deveria ser ensinado aos estudantes num modelo remoto-híbrido. É um instrumento pedagógico que reúne os objetos do conhecimento priorizados pelo(a) professor(a), a partir da Matriz de Conhecimentos Básicos (MCB), disponibilizada pela SEDUC, em agosto de 2020, com um processo chamado de priorização curricular, também norteado após a avaliação diagnóstica, e que visa institucionalizar a correspondência das atividades remotas/híbridas e a carga horária de cada componente curricular/área do conhecimento. Para chegar a este redesenho chamado de Continuum Curricular, que promove o fluxo entre o ano letivo de 2020 e 2021, no chamado aqui de modelo 2 em 1, ou seja, recuperar defasagens do ano letivo de 2020 no ano de 2021 de forma concomitante e complementar.

Segundo a SEDUC (CEARÁ, 2021) a avaliação diagnóstica identifica as lacunas de aprendizagem para nortear as intervenções a serem realizadas no decorrer do percurso pedagógico. O Continuum passa por cinco fases: a análise da matriz de conhecimentos básicos, a definição dos pré-requisitos, a elaboração e aplicação da avaliação diagnóstica, a Elaboração do PEC e a recuperação das aprendizagens.

O processo de priorização curricular ocorre em etapas (federal, estadual escolar) que repercutem na elaboração do plano de execução curricular de cada componente tendo com norte maior a Base Nacional Comum Curricular, chegando na esfera estadual com os Documentos Referenciais Curriculares do Ceará (DCRC), a Matriz de Conhecimentos Básicos (MCB). (Parecer CEE nº 205/2020, Lei nº 14.040/2020).

A Matriz de Conhecimentos Básicos (MCB) tem por objetivo apresentar às escolas objetos de conhecimentos basilares esperados para cada série neste momento atípico de retomada das aulas presenciais no estado, considerando as diretrizes apresentadas pelos principais documentos norteadores do ensino e da aprendizagem na área.

Figura 4. Priorização Curricular



Fonte: CEARÁ, SEDUC (2021).

A SEDUC/CE tem investido em inúmeras formações síncronas e assíncronas, através do Centro de Educação a Distância (CED) e em parcerias com institutos, envolvendo professoras (es) da Educação Básica, com transmissão principal via canal do youtube, cuja estrutura tecnológica é mantida por esta secretaria.

Nas formações, a SEDUC vem abordando questões referentes ao modelo de ensino híbrido como forma de amenizar as dificuldades de aprendizagem dos estudantes, principalmente, naqueles com maiores dificuldades de acesso as atividades e aos que têm poucas interações nas atividades propostas, seja nos grupos do whatsapp das séries em que estudam, no google sala de aula e no material impresso.

As formações voltadas para as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) têm sido intensas desde 2020, através do Ambiente Virtual do Centro de Educação à Distância (AVACED), chamado de competências digitais e, acrescentando-se para os gestores escolares, o Curso de Fortalecimento para a Atuação dos Coordenadores Escolares (FACE), que vem abordando o uso das TDICs, a implementação do Continuum Curricular e os processos de avaliação cujo término foi previsto para o final de junho de 2020.

Professores on-off: quando a escola invade a intimidade dos professores

O subtítulo deste artigo faz referência ao estudo de Antunes (2020), sobre seu debate acerca do trabalho remoto na atual conjuntura política, onde o trabalho passa por metamorfoses constituindo um novo tipo de trabalhador, no caso específico, referindo ao teletrabalho, ou trabalho on-line, e o *home office* focando especialmente na precarização da classe trabalhadora.

Corroborando com o pensamento do autor, compreende-se que algumas práticas se converteram em verdadeiros laboratórios de experimentação, daí entendermos que a escola invade a intimidade diária de professores(as), vez que há um redesenho espacial de sua atuação

profissional. Hoje, professores(as) desenvolvem suas ações de planejamento e ação pedagógica, mediados pelas mídias digitais e a sua casa passa a ser o espaço continuum da escola.

Dentre o grupo de professores(as) que compõe o quadro docente da Escola, destacamos trechos dos relatos destes, os quais revelam as tramas do cotidiano laboral, das dificuldades encontradas nesse momento e os desafios que vêm enfrentando no trabalho on-line.

Hoje minha casa não é mais um espaço privado, a gestão, meus colegas professores, os alunos, enfim, a comunidade escolar já conhece minha sala, meu quarto, a cozinha. Logo, não tenho espaço adequado para realização das aulas síncronas ou até mesmo para gravação de conteúdos audiovisuais o que mexe muito com o convívio familiar, é na arrumação dos cômodos, na dificuldade com a iluminação para a captação das imagens num ambiente que mistura a luz do sol que reflete na janela ou da lâmpada fluorescente. Ah! tem os ruídos dos carros e motos que passam constantemente na minha rua que durante o dia é movimentada, Entro pela madrugada para dar conta de tantas coisas da escola, não tem sido fácil e temo adoecer (Professor E. R. S.).

A fala do professor denuncia as péssimas condições a que o corpo docente está submetido, as quais são evidenciados, de modo incisivo, nesse período de isolamento social. Diante desse novo cenário imposto e exposto, através dos “quadrados pretos” das telas de computadores e celulares, os(as) professores(as) percebem um indicativo já descrito por especialistas da educação: a dificuldade de acesso as tecnologias digitais e a pobreza, considerando que muitos, incluindo alunos(as) e professores(as), não têm ambiente de estudo em casa, ou aparelho de celular e internet com velocidade suficiente para comportar as aulas em vídeo. O que é reforçado na narrativa da professora M. J. S., ao dizer que,

Tem sido uma rotina pesada moro numa localidade rural perto da escola. aqui além das atividades pedagógicas da escola tem a questão da internet é frequente a queda de conexão. Outro ponto é não ter hora de trabalhar, meu celular parece não ser mais meu, é dia e noite atendendo os alunos, fazer o que né? Muitos justificam que a noite é quando o sinal melhora, outros dormem até tarde e pela manhã não acordam, tem as meninas que ajudam em casa nas atividades domésticas, uns meninos aos pais no roçado ou no cuidado com os animais, são muitos fatores o que me levam a não limitar meu horário apenas ao de lotação da escola. Sei que isto não é saudável, pois acabo não tendo tempo para fazer outras coisas, que qualquer ser humano precisa como lazer, uma atividade física. Confesso estar muito cansada trabalhando 3 ou 4 vezes a mais que no presencial. Utilizo um computador da escola o que foi cedido para o trabalho remoto (Professora M. J. S.).

Na contramão das imposições da pandemia, professores(as) recorrem a imaginação e (re) constituição de toda conduta pedagógica já utilizada, na tentativa de mobilizar a comunidade acadêmica. Pode-se perceber isso na fala do Coordenador Pedagógico da RACO, ao descrever os encontros pedagógicos de professores:

[...] nas segundas-feiras nós nos encontramos, às 08h30min da manhã, às vezes a gente vai até o meio-dia com nossos encontros pedagógicos. Nestes são repassadas as orientações da Crede, através da SEDUC, especialmente quanto às diretrizes, de como será feita essa retomada as aulas no modelo remoto de acordo com guias e documentos. Por

último foi feita a formação de células de estudantes, chamadas de GCAPES, que são grupos de apoio aos estudantes num formato de aprendizagem colaborativa mesmo que virtual. É uma ação do protagonismo da SEDUC, nesses grupos estarem presentes lideranças de salas e gremistas. Estas células são uma ação nova com o apoio das Diretoras de Turma, porém os primeiros sinais apontam que é muito complicado a formação de estudos em grupos virtuais.

A escola conta com o projeto Professor Diretor de Turma, e o Projeto NTPPS, que fazem parte dos componentes curriculares diversificados da Escola. o Projeto Professor Diretor de Turma e o Núcleo do Trabalho Pesquisas e Práticas Sociais, que é o NTPPS. Qual a diferença? O PPDT trabalha mais a desmassificação do ensino e a formação para a cidadania e o desenvolvimento das competências socioemocionais. O NTPPS é um componente curricular que além de trazer as competências socioemocionais, enfatiza as temáticas transversais e tem a pesquisa como pressuposto pedagógico. Então a escola contempla esses dois projetos em nível de SEDUC. Em nível de outros projetos de parceria da SEDUC com institutos, temos o Projeto Jovem de Futuro, que é orientado pelo Instituto Unibanco, o Projeto Círculo de Leitura, do Instituto Braudel, a partir do qual são desenvolvidas rodas de leitura participando alunos multiplicadores. O instituto envia as obras definindo como cronograma e sugestões metodológicas com a professora de Português como apoio, mas pode ser qualquer professor, logo os alunos que são multiplicadores ficam a frente do trabalho com as obras com os demais colegas da turma. (Narrativa do Coordenador Pedagógico, 13/10/2020)

A fala do coordenador pedagógico destaca recursos, instrumentos e processos do ensino-aprendizagem, encaminhados pela CREDE/SEDUC, os quais são utilizados pela escola e como se desdobra seu trabalho na interação com os docentes. Outro apontamento é a variedade de institutos que adentram a escola com pautas formativas desenvolvendo metodologias próprias o que mostra uma influência de modelos de organização educacional incorporadas de forma “padronizada”. Nota-se a ênfase ao período de mudanças e de “provável” transição ao ensino remoto e as adequações feitas para sua efetivação.

No relato abaixo, os(as)professores(as) descrevem as principais dificuldades que vêm enfrentando neste período pandêmico. Conforme narrativa do Coordenador,

As dificuldades são, principalmente, a questão de acesso à internet de qualidade e a equipamentos. Além disto, a ausência das competências digitais nos desafiou. De repente, professores e gestores escolares nos vimo reinventando nosso trabalho na escola que passou a ser nosso quarto como no meu caso. Apesar de já existirem as tecnologias da informação e comunicação, não usávamos os recursos digitais frequentemente. É a partir desse momento de ensino remoto e com essa possibilidade do ensino híbrido, que reinventamos o nosso dia a dia, ficamos nesse trabalho em sistema de home-office. A nossa escola por ser uma escola rural tornou o desafio maior ainda devido os nossos alunos e alunas terem dificuldade de acesso à internet, por não terem uma cobertura ampla rede de dados móveis e nem equipamentos, isso acabou dificultando muito nosso trabalho. (Narrativa do Coordenador Pedagógico, 13/10/2020)

Já a professora T. M. S. também relata as suas dificuldades no período de ensino remoto:

Os desafios são imensos porque como a minha escola é no meio rural são “n” dificuldades: falta de acesso à internet, alunos carentes que não têm acesso a um celular e computador, que moram em comunidades bem mais distantes da escola e essa falta de acesso que a gente tem. Então essa é uma dificuldade imensa porque o aluno que não tem o celular, como é que vai estudar virtualmente? E tem aluno que tem o celular e usa os dados móveis só para utilizar o WhatsApp, não acessa o Facebook, Instagram, YouTube e não tem outro aplicativo que você possa utilizar, pois os que possuem o aparelho celular dizem não ter memória ou outra questão técnica. Como professores planejamos, até em dias diferentes para trabalhar com esse aluno, não temos dia e nem hora para atendê-los. No nosso caso, a gente trabalha com WhatsApp, Facebook e Instagram, às vezes, a gente utiliza o Google Meet para fazer algumas reuniões, por exemplo, do Grêmio Estudantil, que são aqueles alunos que possuem acesso à internet e tem como acessar o Google Meet, estamos tentando fazer aulas também, mas a queda de conexão é constante e a participação é mínima na maioria das vezes. No meu caso, eu trabalho também com o YouTube, criei um canal, eu sei que não são todos os alunos que têm esse acesso, mas trabalho de maneira assíncrona onde eu gravo vídeos e posto nos horários que eles acharem melhor, no horário que a internet está melhor ou no dia que for melhor para eles terem esse acesso e para ficarem com o vídeo para assistir na hora que estiverem fazendo alguma atividade ou rever o conteúdo para um melhor aprendizado, e assim a gente vai levando.

E com esses alunos que não têm acesso à tecnologia a gente utiliza módulos impressos, onde chamamos a ação de rotas da inclusão, em que se fazem parcerias com os carros de horário, que são os carros que passam de comunidade em comunidade e os alunos iam pegar com os mesmos e depois entregar. Isso foi uma maneira que a gente achou, para ajudar esses alunos que não têm acesso à internet. Então os desafios são esses e sem contar os da gente como professor, porque é a internet que cai, principalmente a minha que é no interior, às vezes cai e passa de um dia para o outro, e com isso as dificuldades vão surgindo em termos também de formação, de utilização de aplicativos. A gente teve que se reinventar nessa pandemia, várias formações, e a utilizar o nosso computador, nosso celular e a nossa casa como sala de aula. (Professora T. M. S., em abril/2021).

A narrativa da professora só reforça aspectos como a reinvenção do trabalho docente, a “transferência” escola para casa como espaço de trabalho, a formação de professores no uso das tecnologias digitais e seus desafios, as desigualdades de condições de acesso e equipamentos de professores e estudantes. Como a docente cita o contexto rural torna mais evidente os obstáculos deste percurso, ao mesmo tempo, em que legitimam o compromisso dos(as) professores(as) em efetivar sua prática pedagógica.

Considerações Finais

A partir dos relatos que tiveram como cenário a labuta de professores da Escola RACO,

é possível destacar de que forma encenam seu cotidiano, como organizam sua nova “rotina pedagógica”, quais dificuldades enfrentam e como elaboram suas narrativas pessoais/laborais e estas, por sua vez, compõem o contexto que emerge deste processo.

As narrativas de professores(as) revelam que o ensino remoto é excludente e piora a qualidade da educação pública provocando ainda mais a desigualdade educacional, pois não garante o conhecimento e a aprendizagem com a qualidade e o direito à igualdade de acesso à educação para todos(as): professores(as) e estudantes.

Ao analisar as respostas que a SEDUC tem dado a comunidade escolar, através da organização de suportes tecnológicos digitais e formativos, direcionados a professores, núcleo gestor e alunos, percebe-se que as ambiências formativas criadas nos atos de currículo no ensino presencial e online, apontam perspectivas que vão ao encontro de uma formação docente e discente, identificada como “ciberautorcidadão”, uma postura em processo, em devir, que se constrói na relação cidade/ciberespaço, em espaços/tempos de aprendizagens plurais, referenciadas nas experiências tecidas nesses contextos.

Como a comunidade escolar ainda não “processou” os sentidos dessa formação, de modo especial, a forma de operacionalização desse novo formato de fazer a docência, questiona-se: como professores(as) constroem esses devires? Como professores(as) se mobilizam para fazer enfrentamento político, estando professores sob fogo cruzado?

Daí a necessidade apontada por muitos estudiosos, para uma sólida formação de professores também é discutida por Silva (2018) na sua pesquisa sobre o uso de tecnologias digitais pelos professores nas suas práticas pedagógicas. Desse modo, entende-se que alguns professores(as) apesar de já utilizarem as tecnologias digitais em sala de aula no ensino remoto, apresentam aspectos que se distanciam da qualidade e equidade. Diversos fatores contribuem para este cenário, como problemas de infraestrutura tecnológica (acesso aos dispositivos digitais, conexão com a internet, ausência de competências digitais) e formação continuada docente atenta às questões pedagógicas engendradas pelo digital em e na rede.

Enfim, ao ouvir vozes de muitos que compõem o sistema de educação básica e os que labutam no cotidiano escolar, agora suspensos numa batalha ciberespacial, enquanto pesquisadores, (re) imaginamos a escola do futuro, que só se faz existente a partir de mudanças profundas em sua arquitetura moderna, a partir da sua reconstrução, cujo projeto deverá se pautar nas reais condições materiais, humanas, políticas e sociais de professoras (es) e gestores (as) do sistema educacional.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BHARGAVA, Rohit. The 5 Models of Content Curation. **Influential Marketing Group**, 2011. Disponível em: <http://www.rohitbhargava.com/2011/03/the-5-models-of-content-curation.html> . Acesso em: 08 mar. 2021.

CEARÁ. Secretaria da Educação Básica. **Portaria nº. 1451/2017-GAB**. Estabelece as normas para a lotação de professores nas escolas públicas estaduais para o ano de 2018 e dá outras providências. Fortaleza, 2017.

CEARÁ. Secretaria da Educação Básica. **Guia de Possibilidades de Organização Pedagógica no período remoto/híbrido**. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/09/guia_possibilidades.pdf. Acesso em: 15 jun.2021.

CEARÁ. Secretaria da Educação Básica. **Chamada Pública para Adesão ao Projeto Professor Diretor de Turma**. Fortaleza, 2010.

CEARÁ. Secretaria da Educação Básica. **Sistema Integrado de Gestão Escolar**. Disponível em <http://sige.seduc.ce.gov.br/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em Educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

INSFRAN et al. **A pandemia da COVID-19 como vitrine da precarização do trabalho docente e da educação: desafios para o ensino em uma democracia fragilizada**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 166-187, jun./out. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/52309>. Acesso em: 07 mar. 2021.

OLIVEIRA, E. B. de. O professor do campo e a precarização do trabalho docente em tempos de pandemia. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências E Educação**. v. 6, n.12, p. 13,-17, 2020. Disponível em: <https://periodico.rease.pro.br/rease/article/view/317>. Acesso em: 08 jun. 2021.

SILVA, S.A.G. et. al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: www.rbhcs.com. Acesso em: 22 mar. 2019.

SILVA, Wagna Andrade. (Re)Pensar a formação docente com as tecnologias digitais no ensino fundamental: desafios contemporâneos. **Revista Docência e cibercultura**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 106-117, 2018.

SOUZA et. al. **Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós-pandemia**. Ensino em Perspectivas, v.2, n.2, p.1-23. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4975>. Acesso em: 08 jun. 2021.

WELLER, W.; OTTE, J. Dossiê: Narrativas. **Análise de narrativas segundo o método documentário: Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas**. Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 325-340, maio/ago. 2014.

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aceito em 13 de junho de 2023.